

## **História e Fontes: Reflexões de Práticas de Pesquisa realizadas através do Jornal Sertanejo: “O Pharol”**

JULIANA DE SANTANA DUARTE

A construção das verdades é carregada de ideologia, cultura e principalmente valores morais. A história por ser um campo que em meio a estudos e pesquisas não apresenta um resultado exato, ou seja, uma verdade única e absoluta coloca em evidência o quanto é importante o ofício do historiador e professor/pesquisador diante de sua fonte e do seu objeto de pesquisa. Pois é sabido que a verdade não é exclusiva e depende muito do ponto de vista do historiador que colocará em seu trabalho seus questionamentos, sua seleção de documentos a ser estudado como também decidirá a maneira como irá trabalhar com eles sendo necessário o conhecimento sobre fonte e documento para fazer falar o silêncio de um conjunto documental, expor idéias implícitas dialogando sempre com o contexto histórico na qual este está inserido.

Segundo Michael Certeau,

*“O historiador trata, segundo seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons etc) distinguidos, no continuum do percebido, pela organização de uma sociedade e pelo sistema de pertinentes própria de uma “ciência”. O historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história.”(CERTEAU, 1982, p.29)*

Transformar os documentos em história não significa que a elaboração do trabalho seja uma construção pessoal do profissional, decidindo ele se omitirá ou acrescentará dados que as fontes não demonstram, mas uma manipulação das fontes baseada em métodos e técnicas que torna a prática da pesquisa mais científica e “verdadeira”. Os documentos então assumem um papel importantíssimo diante desse ofício, ele é a matéria prima do pesquisador e tem em diferentes momentos da história uma função diferente, uma significação diferente sendo um determinante no conhecimento histórico.

\*Universidade do Estado de Pernambuco  
Orgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito

O fazer história está totalmente ligado a existência de documentos, toda e qualquer sociedade guarda vestígios de sua existência sejam eles textos, imagens, restos arqueológicos, depoimentos orais, livros literários entre outros. Sendo assim conseguimos identificar como viviam os nossos antepassados no período mais remoto da história humana englobando características físicas, alimentares, como também moradia e até seus rituais e crenças, isso pode ser analisado através dos restos mortais encontrados, instrumentos de pedra, os abrigos e as pictografias, que aos olhos do estudioso se transforma em ideografias, muito revelam sobre o pensamento e emoção humana.

O tempo histórico envolve permanências e mudanças, diferenças e semelhanças e isto está intrinsicamente ligado a importância que um dado documento tem em um momento e se perde em outro, temos como exemplo como cita Karnal e Galli,(KARNAL; GALLI, 2009: p. 10-13) a Carta de Pero Vaz de Caminha que por mais de duzentos anos permaneceu esquecida e depois torna-se um instrumento valioso para o conhecimento da história do Brasil, mas o que foi preponderante para esta mudança de valor estava escrito na historicidade da época que tinha como característica o surgimento da nacionalidade brasileira, o orgulho de Portugal sobre as suas avançadas técnicas de navegação daquele período. Esse mesmo documento ao passar do tempo pode voltar ao esquecimento, pois o que julga a importância relativa do documento é o contexto do tempo presente.

A construção do documento é eterna, nele pode estar explícita a ideia e sentido de quem o fez como também pode nas entrelinhas estar sua principal ideia, quem o elabora tem uma intenção, um objetivo a ser alcançado no entendimento de quem o analisa, mas o documento, não é autônomo e os pesquisadores podem tirar dele interpretações, questionamentos, considerações diferentes do desejado pelo autor e divergir entre eles mesmos a significação que cada um obteve de uma mesma leitura. De acordo com Roger Chartier

*“Transformar em tensão operatória aquilo que poderia surgir como uma aporia inultrapassável é o desígnio, a aposta, de uma sociologia histórica das práticas de leitura que tem por objectivo identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos*

\*Universidade do Estado de Pernambuco

Orgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito

*individuais -, e que coloca no centro da sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação.” (CHARTIER, 1990, p.121)*

O domínio da pesquisa histórica não se encontra no documento em si nem no sujeito que o estuda, na verdade não há domínio em relação a esta dicotomia. O estudioso pode buscar em uma fonte específica, já com uma ideia pré estabelecida, o que ele iria encontrar ou analisa-lo em uma perspectiva temática e não ver nada ou pouquíssimos dados sobre. O historiador por sua vez, seleciona as fontes que quer usar como também as técnicas, mas adequada para o estudo, e utiliza sua criticidade para ver informações escondidas, e ao cruzar com outras fontes faz uma análise do seu estudo indicando fatos novos, informações importantíssimas que podem gerar conflitos ideológicos e até indenitários.

Ao longo da historiografia pode se perceber as mudanças efetivas do conceito de documento e o quanto ele significou para a construção da história. No século XIX, o Positivismo triunfou e o seu objetivo principal era transformar a história em uma ciência exata diferenciada da literatura e filosofia, defendendo que existia uma verdade absoluta e ela se encontrava nos documentos políticos. Então, a tarefa do historiador era encontrar esses documentos e frente a eles manter uma postura neutra.

Todos os fatos Históricos que eram objetos de estudo dos “pesquisadores” deveriam pertencer ao passado e não poderiam de forma alguma ser problematizado, ou seja, eles não poderiam reabrir estudos, reinterpreta-los muito menos alterar considerações. (REIS, 2006. p.22). A função do historiador era somente descrever o evento sem expor suas interpretações como se ele fosse uma pessoa a par de influências ou sem conceitos pré estabelecidos que o guiasse até no trabalho da narração.

O documento deveria por obrigação ser escrito e pertencer ao âmbito político ou religioso, este era concebido como uma prova histórica por isto uma preocupação extrema com sua autenticidade. Esta preocupação com a veracidade da obra é antiga, na Grécia ela era certa quando o mesmo que divulgava os seus estudos e análises de guerra, revoltas, entre outros,

\*Universidade do Estado de Pernambuco

Orgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito

estavam presentes no acontecimento, mas o que fazer quando um determinado objeto de pesquisa apresenta somente obras míticas ou literárias como fonte? A Escola dos Annales permitiu mudanças radicais e necessárias para uma nova maneira de se fazer história viabilizando muitos estudos com fontes que até então eram tidas como inúteis para tal.

A Escola dos Annales revolucionou a maneira de estudar e pesquisar história. Ela se opôs as ideias positivistas quando afirmou que o estudo não deve ser centralizado nos eventos, pois desta maneira é perdido toda a complexidade da trama histórica. Então, ela dirige o seu olhar para as permanências da sociedade que dá o sentido ao evento, ou seja, o duradouro é enfatizado para perceber o que permanece e dar voz ao cotidiano, as massas antes excluídas. Ela permitiu uma interdisciplinaridade, ou seja, uma influência de outros campos do saber como a sociologia, geografia, filosofia e principalmente antropologia, conseqüentemente isto ampliou o campo de estudo e multiplicou os temas a ser estudados como também os documentos a serem analisados. Documento passou a ser aquilo que registrasse a ação humana, poderia então ser documentos escritos oficiais ou informais, fotografias, obras míticas ou literárias, oralidade, filmes, ossadas arqueológicas entre outros. Mas isto não significa que “qualquer coisa” pode se tornar uma fonte, este tem que apresentar o mínimo de vestígio da ação humana tendo que estar de acordo com o objeto de pesquisa.

Todo documento construído teve a intenção de eternizar algo quando se escreve, seja um depoimento, uma informação, dados, uma carta amorosa, inconscientemente ou não, quis guardar o que foi importante para quem escreveu ou para a sociedade em que viveu.

Jacques Le Goff afirma que

*“O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele [Pg. 548] traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta*

\*Universidade do Estado de Pernambuco

Orgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito

*do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo.” (LE GOFF, 1990, p.471).*

Desta forma, segundo o autor todo documento é um monumento sendo traduzido em algo simbólico que pode representar e não deixar esquecer, as memórias coletivas, as tradições, a sua própria história. Ela assume um papel justificativo de estudos, um embasamento científico das pesquisas quando se transforma em um simples documento.

A imprensa é uma fonte que era usada apenas como uma comprovação de análises, ou seja, até o início dos anos de 1980 no Brasil, utilizava-se um recorte de um periódico sem ter nenhuma informação sobre sua circulação, o modo como era feito, quem o produzia, seu público leitor deixando o mesmo como um mero acessório da pesquisa. Ela se transformou em fonte riquíssima que contribui para perceber diversos aspectos de uma época, como afirma Tania de Luca

*“... a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas, tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores, que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se articularam-se projetos de futuro.” (LUCA, 2010, p.120).*

A imprensa deixou de ser vista como algo morto sem serventia alguma e passou a ser percebida pelos historiadores como uma fonte que recupera acontecimentos históricos, revelando práticas que constitui uma realidade social, modelando formas de pensar e agir, alterando comportamentos, demonstrando desejos futuros. Ao trabalhar com ela é necessário que o pesquisador conheça quem produzia este periódico, como acontecia a circulação do mesmo, quem era o público leitor, fique atento também ao título do jornal e o seu subtítulo

\*Universidade do Estado de Pernambuco

Órgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito

que pode informar uma intenção, uma característica determinante, pois o que contém nas suas folhas é negociado culturalmente e socialmente. É preciso perceber também a distribuição dos conteúdos, os temas mais veiculados, figuras constantes no jornal, as propagandas entre outros.

Um jornal, por exemplo, tece alianças para se manter circulando e contribui para a visão de mundo que o indivíduo vai formar. Ela nos conduz da história da comunicação à história social, como afirma Cruz e Peixoto (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257) “[...] trazer para cada conjuntura e problemática que se investiga os desdobramentos teóricos e metodológicos que ela encaminha, articulando a análise de qualquer publicação ou periódico ao campo de lutas sociais no interior do qual se constitui e atua.”.

O jornal O Pharol da cidade de Petrolina, diz muito sobre os anseios de um lugar que queria uma modernidade nos comportamentos sociais como na estrutura urbana, e levantam muitos questionamentos sobre quem normalmente escrevia o jornal, a grande quantidade de propagandas de remédios, a visão de lazer e mulher, e explica muitos fatores da sociedade do presente.

Na região existem poucas fontes que possibilitam a análise do historiador para o conhecimento histórico, e O Pharol está pelo tempo de existência em um processo de degradação, suas edições não estão completas e muito menos organizadas para facilitar o trabalho do pesquisador. Esta situação não é um caso isolado, é comum o descaso com o trabalho do historiador que para ter acesso ao conjunto documental precisa passar por uma grande burocracia, e ao conseguir, encontra documentos desorganizados em condições precárias de preservação ou até mesmo descartados por não ter espaço para guarda-lo.

A discussão fonte/documento, como a investigação da mesma na cidade de Petrolina promove uma reflexão da posição do professor mediante a estes documentos, como interfere na importância que se é dada a estas fontes colocando em prática o que se aprende academicamente e explorando uma ferramenta que ainda é pouco utilizada. Todo esse

\*Universidade do Estado de Pernambuco  
Orgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito

processo faz parte dos objetivos do núcleo de pesquisa História, Imprensa e modernidade no Sertão da Universidade do Estado de Pernambuco.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. A operação Historiográfica. In: \_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Cap. 2, p. 56-86.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos e leituras. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. cap. 4, p.121-139.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. In: \_\_\_\_\_. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, nº35, p. 253-270, 1981.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990. cap. 11, p. 461-472.

REIS, José Carlos. A Escola Metódica Dita “Positivista”. In: \_\_\_\_\_. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. cap.1, p.11-25.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). A Memória Evanescente. In: \_\_\_\_\_. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-27.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: \_\_\_\_\_. **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 142.

\*Universidade do Estado de Pernambuco  
Orgão Financiador PFAUPE

\*Professora Mestre Ana Clara Farias Brito